



O fazer científico da pesquisa-ação: mapeando o conceito de engajamento em uma perspectiva multidimensional

The scientific making of action research:
mapping the concept of engagement in a multidimensional perspective

Lumárya Souza de Sousa e Thaiane Oliveira

Resumo

O presente artigo enfatiza os pressupostos da pesquisa-ação e os modos de engajamento configurados neste processo. Entendemos a pesquisa-ação com um alto nível de participação e envolvimento em todo seu percurso investigativo, onde a intervenção do pesquisador pressupõe a implicação do grupo estudado. Assim, o objetivo desta pesquisa é sistematizar as dimensões do engajamento em todas as etapas de uma pesquisa-ação, bem como refletir sobre a posição da pesquisa-ação no campo da epistemologia da ciência. A abordagem é teórica, a partir de uma tentativa de sistematização de uma revisão bibliográfica dos conceitos, e empírica, por meio da análise qualitativa de entrevista estruturada sobre a pesquisa-ação realizada com nove pesquisadores atuantes do campo no cenário brasileiro. A partir dessa análise é possível refletir sobre o conceito de engajamento implicado na pesquisa-ação, para além das dimensões comportamentais, cognitivas, afetivas e sociais. São elas as dimensões do engajamento científico, do engajamento do pesquisador e do engajamento dos sujeitos implicados na pesquisa-ação.

Palabras clave: Pesquisa-ação; engajamento; ciencia; conhecimento.

Abstract

This article emphasizes the assumptions of action research and the modes of engagement configured in this process. We understand action research with a high level of participation and involvement in all its research, where the intervention of the researcher presupposes the implication of the group studied. Thus, the purpose of this research is to systematize the dimensions of engagement in all stages of an action research, as well as to reflect on the position of action research in the field of the epistemology of science. The approach is theoretical, based on an attempt to systematize a bibliographical review of the concepts, and empirical, through the qualitative analysis of a structured interview on action research carried out with nine researchers working in the field in the Brazilian scenario. From this analysis it is possible to reflect on the concept of engagement implied in action research, beyond the behavioral, cognitive, affective and social dimensions. These are the dimensions of scientific engagement, of the researcher's engagement, and of the engagement of the subjects involved in action research.

Keywords: Action research; engagement; science; knowledge.

1. Introdução

Pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando o propósito está na transformação da prática. Assim, partindo desta proposta transformadora, identificamos que a pesquisa-ação pode ser compreendida por um entendimento no qual o pesquisador atua diretamente junto à sociedade e este envolvimento social do cientista vem conquistando espaços no campo científico. Com raiz na pesquisa participativa, esta corrente metodológica tem a possibilidade de ser aplicada em diferentes áreas do conhecimento com finalidades e métodos distintos. A elevação do objeto à condição de sujeito, a busca por um conhecimento coletivo, a transformação de uma realidade, a aplicação da ação com a participação de todos os implicados, o retorno dos resultados, são algumas das características essenciais de uma pesquisa-ação (Peruzzo, 2003, 2016).

A pesquisa-ação encaixa-se como um tipo de investigação-ação, onde a investigação é participativa e se funde com a ação (Fals Borda, 2013). Mas de que tipo de ação falamos? De uma ação direcionada para solução de problemas do grupo implicado, conduzida a partir da coletividade, gerando conhecimento coletivo e calcada pelo engajamento entre pesquisadores e sujeitos investigados. E o que entendemos por engajamento, partindo de um cenário investigativo participativo?

O engajamento vem sendo utilizado como uma palavra única em diversas áreas do conhecimento, o que releva sua multidisciplinaridade dimensional para distintas realidades. Contudo, o engajamento que nos propomos a investigar nesta pesquisa supera o conceito amplamente difundido, principalmente diante do avanço tecnológico, o qual é calcado em métricas, mensurações e visibilidades (Vivek, 2009). O objetivo desta pesquisa é entender os elementos intrínsecos ao processo investigativo de uma pesquisa-ação que podem promover engajamento. Propomos uma discussão que se distancie da emergência tecnológica em sua definição e aproxime-se do posicionamento do sujeito no processo de engajamento na consolidação de uma pesquisa. Buscamos posicionar um debate que o entenda como produzido pelo próprio indivíduo, na medida em que é direcionado pelo sujeito, pela ação executada e pelo compromisso social.

Neste quadro conceitual do engajamento, identificamos diversas dimensões e proximidades com a aplicação de uma pesquisa-ação, seja na ação do pesquisador, dos sujeitos implicados ou da própria construção e circulação do conhecimento científico. A ação, a atuação, a participação e o envolvimento são pressupostos da pesquisa-ação geradores de engajamento que constroem a pesquisa-ação como uma metodologia alternativa, que dialoga com os modelos tradicionais, mas que não necessariamente se submete a eles. Assim, esta pesquisa busca identificar e delimitar quais as formas de engajamento configurados na aplicação de uma pesquisa-ação e quais os elementos que apoiam o pesquisador neste processo de engajamento. Para a condução deste problema de pesquisa, entrevistamos nove pesquisadores dessa corrente que são referência em pesquisa-ação no contexto brasileiro.

2. Breve panorama da pesquisa-ação

A pesquisa-ação tem ganhado popularidade e ampla atuação como proposta de aplicação de pesquisa, principalmente na América Latina, se destacando dentre as demais propostas teórico-metodológicas participativas. Reflexo disso é a ampliação da sua discussão como uma abordagem qualitativa por diversos teóricos referências nos estudos de pesquisa-ação como Barbier (1985, 2007), Tripp (2005), Thiollent (2011), Fals Borda (1981), dentre outros.

Alguns estudiosos atribuem a criação da pesquisa-ação ao psicólogo de origem alemã e naturalizado americano Kurt Lewin, alvo da discriminação ao povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial, fato que viria a marcar suas escolhas metodológicas na época (Barbier, 2007). Ao ser obrigado por nazistas a deixar a Alemanha com sua família rumo aos Estados Unidos, o psicólogo encontra na pesquisa-ação a possibilidade de estudar um problema de ordem prática, mas participando do problema ao conviver com a dor do povo judeu. Assim, para Lewin, ao mesmo tempo em que a pesquisa-ação pressupõe uma metodologia voltada para a resolução de

problemas psicossociais, também carrega um papel de investigação científica sobre o mesmo problema (Melo et.al., 2016).

Paralela a esta concepção do surgimento da pesquisa-ação, um outro grupo de teóricos como David Tripp (2005) discorda da atribuição da criação da pesquisa-ação dada a Lewin, argumentando haver uma dificuldade na sua definição justificada pela multiplicidade da pesquisa-ação como um método que apresenta diversos aspectos e que se desenvolve de maneiras diferentes para distintas aplicações, sendo muitas vezes utilizada como um termo para uma série de processos diferentes da investigação-ação como “pesquisa-diagnóstico, pesquisa participante, pesquisa-empírica, pesquisa experimental, etc” (Tripp, 2005: 445). Desta forma, é importante localizarmos a pesquisa-ação como um tipo de investigação-ação, ou seja, qualquer tipo de investigação que conduz a prática por meio da ação.

Independente das discussões em torno da gênese da pesquisa-ação, consideramos esta corrente teórica-metodológica como um importante aporte metodológico para a investigação de fenômenos sociais, se destacando enquanto linha de pesquisa direcionada às formas de ação coletiva (Thiollent, 2011). Assim, podemos localizar a pesquisa-ação com uma proposta de ação deliberada com duplo objetivo: transformação da realidade investigada e produção de conhecimento científico (Tanajura e Bezerra, 2015). Uma transformação que também é dupla, seja na “transformação das práxis dos grupos implicados” ou na “transformação de modelos tradicionais de pesquisa científica”. A pesquisa-ação representa uma metamorfose nos caminhos da epistemologia científica ao transitar entre “práticas inovadoras de pesquisa empírica”, distanciando-se do positivismo e aproximando-se da dinâmica social (Peruzzo, 2003, 2011). Seguindo essa proposta transformadora da prática científica possibilitada pela pesquisa-ação, Peruzzo (2016: 09) aponta quatro características gerais da pesquisa-ação, destacando “a participação/inserção do pesquisador, o tipo de ação, a participação do investigado e o retorno dos resultados”, as quais optamos por destacar abaixo.

1. Participação/inserção do pesquisador: Fazer pesquisa-ação requer uma participação contínua e efetiva do pesquisador dentro do cenário e da realidade do fenômeno e/ou grupo estudado. A inserção é uma fase de aproximação com o grupo e ocorre quando o pesquisador assume a função de coordenador da pesquisa, distanciando-se da figura de um capacitador. Barbier (2007) posiciona a pesquisa-ação como uma corrente que não apenas se afasta do positivismo como também propõe uma sociologia do acontecimento ou da cotidianidade. Assim, a participação do pesquisador tem como foco acompanhar a dinâmica do cotidiano, de modo que ele também tenha autonomia para agir. Para que essa interação ocorra é preciso uma autorização prévia do grupo ou da comunidade.

2. Tipo de ação: A ação que se refere a pesquisa-ação é dupla, isto é, ação do pesquisador e ação do grupo estudado. Peruzzo (2016), explica que essa ação se distingue daquela convencional na concepção da pesquisa etnográfica, observação participante e correntes antropológicas e psicológicas tradicionais. Na pesquisa-ação, o pesquisador não apenas observa, mas também tem livre atuação, centrada na cooperação e coletividade com os sujeitos do grupo pesquisado. Na definição de Thiollent (2011: 16), a pesquisa-ação é concebida e realizada com “estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

3. Participação do investigador: A pesquisa-ação tem a intenção de superar as lógicas do conhecimento científico tradicional ao incorporar uma função político-social, o que vai ao encontro à participação do investigador na efetivação da pesquisa-ação (Thiollent, 2011). O pesquisador tem um papel ativo dentro da pesquisa-ação, que tem como pressuposto não se separar do pensamento e da ação, dos fatos e valores. O envolvimento entre o pesquisador e os sujeitos integrantes da pesquisa resulta em vários níveis de envolvimento. Desta forma, a participação dos investigados não é tida como mera ação colaborativa, mas em atitudes que partem desde a elaboração estratégica de um plano de ações, à realização efetiva da pesquisa e debate sobre os dados obtidos com os resultados. É uma participação calcada não apenas nos interesses do pesquisador, mas em uma contribuição efetiva e contínua para os sujeitos

investigados, a partir de uma construção de conhecimento coletivo e, assim, propondo uma decolonização do conhecimento.

4. Retorno dos resultados: O retorno do conhecimento é um dos grandes diferenciais da pesquisa-ação, afastando-a da proposta normativa de conceber a ciência tradicionalmente e da concepção de “laboratório”, rompendo com todos esses padrões científicos (Fals Borda, 1981). O retorno do resultado da pesquisa é muitas vezes esperado pelos grupos estudados, mas raramente efetivado. Na pesquisa-ação, esse retorno ocorre em todo o processo investigativo e em uma última etapa com uma linguagem clara e acessível para a compreensão de todos. Peruzzo (2016: 13) explica que a pesquisa-ação pressupõe uma democratização desses resultados ao longo da pesquisa, porque “os próprios passos delineados vão possibilitando a participação na discussão de ‘achados’ pois se realizam fóruns e seminários para apresentação e discussão de resultados parciais e organização interna da pesquisa”.

2.1. Modos de engajamento na pesquisa-ação

O engajamento é o fio condutor da pesquisa-ação, seja no processo investigativo propriamente dito ou no seu caminho percorrido no processo de consolidação no cenário científico. Apesar de a pesquisa-ação ser multidisciplinar e utilizada como corrente metodológica em diversas áreas do conhecimento como educação, saúde, comunicação, engenharia, administração, entre outras, muito se discute sobre cientificidade e potencialidade na construção do conhecimento científico. Conforme ressalta Thiollent (2011), o comprometimento do pesquisador com a validação acadêmica da pesquisa-ação é necessário para que os laços científicos sejam fortalecidos e a manutenção, de uma forma alternativa e prática de produção de conhecimento científico, seja considerada. São muitos os riscos na concepção de pesquisas alternativa (abandono do ideal científico, manipulação política, etc), mas o grande desafio está em “mostrar que tais riscos, que também existem em outros tipos de pesquisa, são superáveis mediante um adequado embasamento metodológico” (Thiollent, 2011: 08).

Muito além de elevar números de publicações sobre a pesquisa-ação e fortalecer sua presença na circulação acadêmica legitimada no espaço científico, o engajamento científico da pesquisa-ação cumpre um papel de decolonização de um conhecimento, da emergência de uma epistemologia do Sul, que pode ser produzido indo além de uma cultura científica ocidental de cunho positivista (Santos, 2007). Assim, a partir de um engajamento científico sólido e fortalecido, a pesquisa-ação ganha potência para derrubar pressupostos clássicos da ciência tradicional, onde o único conhecimento válido é o científico construído “segundo cânones do empirismo, da objetividade e da pretensa neutralidade” (Peruzzo, 2016: 05).

O engajamento no processo de uma investigação conduzida pela pesquisa-ação também está presente em outros eixos da pesquisa-ação, engajamento este que muitas vezes pode ser apresentado como sinônimo de “participação”, característica comum às metodologias participativas. Indo além da participação, acrescentaríamos o envolvimento como outro elemento decisivo para que o engajamento ocorra em uma pesquisa-ação. Isto porque para que uma pesquisa-ação ocorra não basta participar, mas é necessário também envolver-se com a ação estabelecida, tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa em si, visto que uma ação transformadora deve ser efetivada. Ou seja, não é qualquer ação, mas uma ação compartilhada pelo grupo estudado e que não seja trivial, o que significa uma ação problematizada que merece ser investigada (Thiollent, 2011).

A participação e o envolvimento são exigências necessárias tanto para o pesquisador que busca uma interrelação entre pesquisa e ação quanto para os sujeitos implicados na pesquisa-ação. No que se refere ao engajamento do pesquisador, o seu papel é de inserção no problema a ser investigado e na mediação nas atividades da pesquisa. O pesquisador é também ator da ação, uma ação distinta da pesquisa etnográfica e/ou observação participante. “Não se trata de pesquisa-a-ser-seguida-por-ação, ou pesquisa-em-ação, mas pesquisa-como-ação” (Cooke apud Tripp, 2005: 452).

Há ainda uma função social do pesquisador, que vai além de observar fenômenos, mas que deve apontar para uma perspectiva que permita a construção de ações estratégicas, que possibilite mudanças sociais e solucione problemas reais da sociedade. É um engajamento social do intelectual comprometido, que corresponde a tomar um posicionamento de pesquisa que supere autorreferencialidade e ultrapasse apenas discussões teóricas. Barbier (2007) ressalta como a pesquisa-ação está além do status de pesquisador, compreendendo também o ser humano cidadão, preocupado com a existência coletiva da cidade.

O pesquisador em pesquisa-ação não é nem um agente de uma instituição, nem um ator de uma organização, nem um indivíduo sem atribuição social; ao contrário, ele aceita eventualmente esses diferentes papéis em certos momentos de sua ação e de sua reflexão. Ele é antes de tudo sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso” (Barbier, 2007: 19).

O engajamento dos sujeitos implicados é uma característica central da pesquisa-ação e o grande diferencial desta abordagem metodológica em relação a outras propostas participativas. A inclusão do envolvimento do grupo estudado na pesquisa representa uma grande transformação em relação às abordagens empíricas tradicionais. Exige uma mudança de postura na forma de se produzir conhecimento, gerado em conjunto com o grupo construído com a participação da comunidade na pesquisa (Peruzzo, 2013). A busca por um conhecimento coletivo representa um passo decisivo na derrubada de um abismo existente entre a construção de saber científico normatizado pela ciência tradicional e o conhecimento popular.

3. Engajamento multidimensional

Como aqui comentado anteriormente, o campo científico do entendimento sobre o conceito de engajamento ainda é pouco coeso e suas fronteiras borradas. Apesar do recorrente uso do termo na última década em diversas áreas do conhecimento como sociologia, ciência política, psicologia e comportamento organizacional, estudos sobre engajamento ainda são discutidos com pouca profundidade na literatura científica (Brodie et al., 2011). “Na Sociologia, o foco está no engajamento cívico; na Ciência Política, no engajamento do Estado e na abrangência desse engajamento. Na Psicologia, o interesse está no engajamento social (...) no Marketing, o interesse reside no relacionamento dos consumidores com as empresas” (Marra e Damacena, 2011: 236). Contudo, quando em destaque, o conceito de engajamento ainda é muitas vezes definido a partir de estratégias de mensuração e apresentado de maneira superficial, mesmo sendo central para a compreensão de transformações sociais, como observado no contexto da pesquisa-ação.

Anterior à multidisciplinaridade do termo engajamento como uso frequente para questões da atualidade, num momento em que estágios primários e secundários das ideias ganharam espaço em discussões políticas e sociais europeias do século XIX, Krieger (1952: 239) já observava o uso da expressão engajamento. O conceito de engajamento se tornou uma questão principal para os intelectuais do século, especialmente para os jovens hegelianos da década de 1840, tão imersos na existência do indivíduo. O engajamento aqui tem uma concepção dualista relacionada com o envolvimento do indivíduo na sociedade: ele é o envolvimento de todos os homens contemporâneos em busca da existência, algo implícito no pensamento contemporâneo desde que o pensamento estático passou a ser uma ilusão; ele é também o comprometimento de todos os homens com a transcendência, ou seja, com uma proposta moral superior à sua existência.

Muito mais do que uma concepção dualista do engajamento com comprometimento de transformação moral levantada por intelectuais filósofos do século XIX (Krieger, 1952), o engajamento supera o sistema filosófico e configura-se com uma forma mais geral como parte essencial de uma atitude humana. Neste sentido, conceituar o engajamento hoje representa uma reconfiguração desta definição dualista, alterada principalmente após a popularização das novas tecnologias, com a cultura digital e as redes sociais digitais (Oliveira et al., 2017). Desta maneira, o conceito de engajamento é tanto descritivo, implicando transformações reais no plano da existência do indivíduo, quanto normativo, a medida em que se torna central para diversas áreas do conhecimento.

3.1. As dimensões do engajamento

A definição de engajamento pode ser compreendida a partir da inter-relação de algumas dimensões do sujeito em termos de experiências individuais. São elas: comportamental, emocional e cognitiva (Faria, 2008; Moreira e Pontelo, 2009). Diferentes formas de engajamento podem ser apontadas diante da existência de diversos fatores, concedendo a ele uma característica de maleabilidade.

A dimensão do engajamento comportamental é caracterizada pela participação e pelo envolvimento de um indivíduo em uma determinada atividade. É exigido esforço para que ocorra esse engajamento, que se dá num contexto de interpelação do indivíduo com a sociedade, o qual se envolve ativamente e atua por meio da participação no campo. A dimensão do engajamento emocional surge nas reações afetivas à atividades provocadas pelo engajamento comportamental, enquanto a dimensão do engajamento cognitivo representa o investimento psicológico necessário para a compreensão de uma determinada atividade que busca ser efetivada¹. Faria (2008) acrescenta ainda ações de “metacognição” e “autorregulação da aprendizagem” no que se refere à dimensão cognitiva, além do esforço também ser apontado como uma característica do nível cognitivo, mas nesta concepção ele é direcionado à aprendizagem e ao domínio de uma atividade.

O envolvimento de uma atividade pode ser medido por diversos fatores como por seu conteúdo, pelas ações geradas, pelos objetivos das ações, etc. As ações consequentes dessa atividade podem resultar em significados, que podem motivar ou não o envolvimento do indivíduo na atividade. No âmbito do engajamento comportamental do usuário, o engajamento nessa atividade pode ser entendido como uma qualidade de experiência do usuário “caracterizada por atributos de desafio, afeto positivo, capacidade de execução, apelo estético e sensorial, atenção, feedback, variedade / novidade, interatividade e controle de usuário percebido”, que são variáveis em relação ao formato e à exibição de um sistema multimídia específico (O'Brien e Toms, 2008: 03).

Nas experiências de usuários com atividades mediadas pelo computador o engajamento comportamental é constantemente acionado e consolidado a partir de um sistema que deve ser efetivo, eficiente e satisfatório. O'Brien e Toms (2008) propõem um modelo de engajamento focado na experiência do usuário com o sistema, onde existem atributos e estágios que consistem em um ponto de engajamento, um período de engajamento contínuo, desengajamento e um reengajamento (possivelmente). Neste modelo, as autoras sugerem um sistema no qual o engajamento seja sustentado pela presença de atributos que variam de acordo com a intensidade da interação e da própria trajetória de cada usuário no processo, seja pela emoção, atenção, interesse, etc. Apesar do reconhecimento da centralidade na ação do sujeito diante do processo homem-computador, este é um modelo de engajamento que busca medir e avaliar rigorosamente a partir de métricas e dados o engajamento percebido pelos usuários, desconsiderando a complexidade e potencialidade do conceito de engajamento.

Estudos sobre o comportamento e engajamento do consumidor também estão na esfera da dimensão comportamental do engajamento, principalmente na área do Marketing. Essa definição de engajamento possui uma conexão direta entre usuários e produtos, a qual entendemos ter como objetivo principal o fortalecimento de laços com os consumidores, isto é, um engajamento do consumidor que visa o engajamento em longo prazo. Assim, estratégias de engajamento são utilizadas por empresas na busca por uma conexão positiva dos consumidores

¹ É importante salientar que, partindo de pressupostos da psicologia cultural-histórica, Vygostky (1999) defende que as dimensões do afeto e da cognição estão íntima e dialeticamente relacionadas. A partir desta perspectiva, a vida emocional estaria conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral, e, portanto, nesta conexão, o repertório cultural, experiências anteriores, e diferentes tipos de interações culturais e sociais representam fatores imprescindíveis para a configuração da consciência, que não podem explicar de maneira mecanicista as emoções e os afetos como parte da formação cognitiva. No entanto, tomamos estas categorias comumente empregadas para as explicações sobre as dimensões do engajamento (Marra, Damasceno, 2011), mais como facilitador do entendimento analítico sobre as nuances dos modos de engajamento do que como categorias estanques que determinam a experiência de envolvimento dos sujeitos.

com a marca, a qual seja viabilizada por um envolvimento que requer interação e participação (Vivek, 2009).

Para os estudiosos do engajamento do consumidor, esse engajamento está relacionado a constructos que se antecedem e se assemelham ao engajamento. Marra e Damascena (2011: 241), em uma revisão de literatura em busca de um conceito integrador para o engajamento do consumidor, destacam “o envolvimento, a participação, o fluxo, a interatividade e a afinidade” como antecedentes ao engajamento que pode afetar tanto atuais quanto futuros clientes. Já como parte das consequências desse engajamento estão “a satisfação, o comprometimento e a confiança”, afetando apenas clientes já existentes. Assim como o engajamento do usuário proposto por O'Brien e Toms (2008), Vivek também (2009) chama a atenção para a importância da experiência no engajamento do consumidor, ressaltando a necessidade de se considerar a natureza do engajamento sob a perspectiva do consumidor.

Ao considerar as experiências como parte integrante e definidora na conceituação do engajamento, compreendemos o engajamento emocional. Nos estudos de games, por exemplo, a emoção de um desafio é uma grande motivação para que o jogo aconteça. A motivação é fundamental para manter os jogadores engajados ao ponto que permaneçam em estado de “flow”. A “Teoria do Flow” ou “Teoria do Fluxo” foi desenvolvida pelo psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi (1997) para descobrir o que levava as pessoas à felicidade e à sensação de bem-estar, onde o flow é o estado mental atingido quando se está totalmente imerso e envolvido numa atividade. Assim, as emoções são elementos fundamentais para se compreender o engajamento por meio de uma definição que envolve cognição, motivação e emoção, e não apenas a observação de características comportamentais na execução de uma atividade (Oliveira et al., 2017).

Sobre a dimensão do engajamento cognitivo, como destacamos anteriormente, observamos um direcionamento a um investimento na compreensão do que se faz em determinada atividade, ou seja, no processo de obtenção de um determinado conhecimento. Pensando a partir de um viés cognitivo, compreendemos a cognição como parte de um desenvolvimento intelectual, a qual neste processo aquisitivo também podemos incluir a produção do conhecimento científico como mais uma esfera do engajamento, o engajamento científico.

O engajamento científico, como parte do processo de desenvolvimento cognitivo, reflete a comunicação, seja ela voltada para a disseminação ou seja para a divulgação (Meadows et al., 1999) e sua relação com a audiência. Diversas práticas são exigidas dos cientistas para compor esse ecossistema científico (Oliveira, 2018), que requer relevância e métricas, o que tem se intensificado com o contexto de presença online proporcionado pelo uso do ciberespaço para a circulação científica (Araújo, 2015). Resultados experimentais ou finais, novas teorias, matérias, artigos e projetos de pesquisa são algumas dessas exigências que tornam o envolvimento científico cada vez mais necessário diante de prazos curtos e normas imperativas institucionais. Dados e métricas têm a responsabilidade de avaliar a dimensão desse engajamento científico. No contexto digital, o processo de avaliação e mensuração da circulação da informação científica é a altmetria, suficiente para precisões numéricas, que atrelado a pesquisas qualitativas (Oliveira et al., 2018) e outras pesquisas de métodos mistos (Johnson, Onwuegbuzie, 2004) possibilita entender estes espaços de construção de saberes e territorialidades latentes a cada eixo de produção científica.

Para além de um engajamento que exige compromisso com a divulgação, a circulação e a consolidação de uma racionalidade científica com normas imperativas institucionais, o pesquisador possui também um dever ético, social e moral com a sociedade. Muito mais do que observar fenômenos e produzir trabalhos acadêmicos, o engajamento do pesquisador depende da sua competência desafiadora no processo de retorno aos sujeitos daquilo que foi produzido a partir deles, propondo soluções e conhecimentos para questões necessárias à sociedade que vão além da autorreferencialidade da pesquisa acadêmica. A relação desta dimensão do engajamento do pesquisador apresenta uma ampla discussão sobre o impacto social das pesquisas científicas na sociedade, seja ela de ordem social, cultural, econômica ou ambientes de longo ou médio prazo (Bornmann, 2012). Este é um desafio que se torna ainda maior para áreas como as de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, que possuem um status distinto na relação entre “aquelas que são produtivas e aquelas que são improdutivas” devido a um nível de “ethos social” presente no inconsciente coletivo e que reafirma a hierarquia científica (Lima, Bavaresco, 2016: 415).

Ainda neste panorama de dimensões do engajamento, destacamos o engajamento social, entendido como aquele em que o indivíduo participa ou realiza atividades espontâneas com finalidades comunitárias e sociais. No engajamento social, o indivíduo possui uma motivação pessoal para a ação. Poderíamos acrescentar também que tal motivação independe de recompensas financeiras ou pessoais, porém, alguns teóricos destacam significantes benefícios ao apoio social como uma experiência pessoal e subjetiva como, por exemplo, a redução do isolamento e um maior senso de satisfação com a vida (Resende et. al., 2006).

Uma característica importante do engajamento social é a sua relação intrínseca com o conceito de participação. O social supõe engajamento participativo, o qual é responsável por proporcionar ao cidadão um senso de pertencimento à sociedade, assim, “a participação não apenas fortaleceria a formação de identidades políticas amplas, mas contribuiria para a legitimação das instituições políticas” (Lavalle e Vera, 2011: 38). Carpentier (2012) define essa participação como um processo político, no qual existe uma relação de poder e os atores estão vinculados uns com os outros para uma tomada de decisão. Assim, são as relações de poder que delimitam o campo discursivo que está minado por uma luta de diferentes intensidades de participação. Assim, a noção de participação é vista como diferente da interação e do acesso, numa relação onde um não pressupõe o outro, apesar de importantes condições para a possibilidade de participação. Carpentier traça esse quadro conceitual na delimitação da participação, onde “o conceito de acesso é baseado na presença (...) E a interação enfatiza a relação social-comunicativa que é estabelecida, com outros seres humanos ou objetos” (p.175). Pensando em outro contexto, a participação social pode ser ainda cívica, sendo o engajamento cívico composto pelas interações dos cidadãos com a sociedade e o governo deles”, onde cívico está ligado diretamente ao papel dos sujeitos como cidadãos. O engajamento cívico como serviço comunitário, como ação coletiva, como envolvimento político, como mudança social, são algumas das diversas definições possíveis (Adler e Goggin, 2005: 241)².

4. Mapeando o engajamento no processo investigativo da pesquisa-ação

Tentativas de realização de um processo investigativo tendo como base a pesquisa-ação nos revelaram a importância da participação nesta proposta metodológica. A pesquisa-ação, que é uma proposta teórico-metodológica enquadrada como um tipo de pesquisa participante, apresenta diversos desafios quando aplicada no campo. A implicação ou engajamento, seja do grupo estudado ou do grupo pesquisado, tem se apresentado como o fio condutor deste processo, tornando-se relevante aprofundarmos um desenho sobre a presença do engajamento no desenvolvimento de uma pesquisa-ação.

Em uma pesquisa anterior, nos debruçamos sobre uma investigação de títulos sobre a pesquisa-ação publicados no Brasil, no período de 2000 a 2017 (Souza de Sousa, Oliveira, 2018). Com o intuito de tecer uma rede de investigação sobre o tema no país, utilizamos métodos cartográficos e cientométricos para categorizamos 856 títulos de pesquisadores extraídos a partir do software “Publish or Perish”³. Utilizamos os dados coletados nesta pesquisa anterior como ponto de partida para a investigação da temática proposta neste trabalho. Entramos em contato via e-mail com os autores dos 30 artigos mais citados na nossa base de informações sobre a

² Assim como apontado anteriormente, na discussão acerca do engajamento cognitivo e afetivo e suas dimensões que são indissociáveis pela vertente da psicologia cognitivista, é preciso ressaltar que tais categorizações sobre o engajamento não são estanques. São aqui utilizadas para esclarecimento sobre as dimensões acionadas no processo da pesquisa ação, como uma facilitação analítica.

³ Trabalho apresentado em 2017 em evento internacional “Modos de Ser Sul: Territorialidades, Afetos e Poderes”, com resultados publicados em periódico científico. A pesquisa consistiu em tecer uma rede investigativa sobre a pesquisa-ação na América Latina, com 1807 títulos categorizados. As produções sobre pesquisa-ação na área de Humanas se destacam diante das demais áreas identificadas, se sobressaindo também as áreas de Sociais Aplicadas e Saúde. O caráter Social apareceu com forte incidência nos títulos coletados na revisão sistemática, mas notamos também uma quantidade elevada de trabalhos com direções teórico-metodológicas da pesquisa-ação, sendo estes os mais citados, o que é um problema substancializado pela epistemologia do Sul (Souza de Sousa, Oliveira, 2018).

pesquisa-ação e realizamos uma entrevista estruturada, sobre suas experiências com a prática metodológica.

Dos 30 convites enviados, 20 pesquisadores retornaram o contato, porém, um pouco mais do que a metade argumentou falta de tempo e/ou sobrecarga de trabalho com as atividades acadêmicas como motivos para a impossibilidade de participação na pesquisa. Após o retorno desses convites, obtivemos nove entrevistas via e-mail, sendo uma participação de um pesquisador estrangeiro. Destacamos que o contato direto com os pesquisadores nos possibilitou a formação de uma nova rede de pesquisadores atuantes na pesquisa-ação, distinta da levantada na nossa base de dados pelo software. Por este motivo, uma pesquisadora participante desta pesquisa foi indicada para esta investigação e não está na seleção dos autores mais citados, mas foi incluída na amostra por considerarmos relevante seu posicionamento e sua atuação acadêmica.

Os pesquisadores participantes da pesquisa são de distintas áreas do conhecimento: Educação (4), Administração (2), Saúde Pública (2) e Psicologia (1), e vinculados a diferentes instituições. Sobre a formação acadêmica, oito pesquisadores são doutores e apenas um pós-doutor, sendo oito mulheres e um homem (Tabela 01).

Pesquisador	Sexo	Área	Instituição
A	Feminino	Educação	Universidade São Francisco (USF)
B	Feminino	Educação	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
C	Masculino	Educação	Universidade de Tours (França)
D	Feminino	Administração	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E	Feminino	Psicologia	Universidade de Brasília (UNB)
F	Feminino	Educação	Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)
G	Feminino	Administração	Universidade Federal de Viçosa (UFV)
H	Feminino	Saúde Pública	Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)
I	Feminino	Saúde Pública	Fiocruz Ceará

Fonte: própria

Para a organização das informações coletadas com as entrevistas utilizamos o software de pesquisa qualitativa NVivo⁴. Existem diversos softwares no mercado com a mesma utilidade, mas o NVivo é o mais utilizado no ambiente acadêmico brasileiro, sendo adotado por importantes centros de pesquisa (Lage, 2011). Apesar de facilitar a análise e potencializar os resultados da pesquisa, o NVivo não substitui a função analítica do pesquisador, qual tem papel essencial na condução dos dados de pesquisa a partir das potencialidades oferecidas pelo software, envolvendo-se com o material empírico e estimulando uma análise crítica acerca das informações (Teixeira, 2011).

Para a codificação das entrevistas realizadas com os nove pesquisadores, importamos o material para o software, criando as “fontes internas”, que são as fontes principais com os materiais da pesquisa. Em seguida, foram criados “nós” para realizarmos a codificação das fontes. Os nós são os recipientes para a codificação e podem ser indicados por meio de temas, tópicos, ou conceitos. Com eles reunimos em um único lugar todos os materiais que possuíam padrões ou ideias emergentes. O ato de fazer essa seleção de padrões identificando os nós é o que caracteriza o processo de codificação.

Neste sentido, identificamos 8 nós padrões entre as entrevistas observadas. Em ordem decrescente de referências de codificação são: Pressupostos da Pesquisa-ação (24); Engajamento Científico (18); Engajamento do Pesquisador (17); Engajamento dos Sujeitos Implicados (14); Conhecimento descolonizado (12); Conhecimento Colonizado (11); Transformação Social (10); e Afastamento da Pesquisa-ação (3). As referências significam a frequência observada de cada nó em todas as fontes analisadas, no caso, as fontes são as nove entrevistas observadas. Para esta pesquisa, nos aprofundaremos nas categorias que tratam diretamente do engajamento no processo investigativo da pesquisa-ação, mas temos a intenção de discutir as demais em trabalhos futuros.

Outra possibilidade apresentada pelo software na análise dos dados refere-se à consulta da frequência de palavras. Com esta ferramenta de palavras oferecida pelo NVivo o pesquisador tem a possibilidade de configurá-la de acordo com o interesse da sua pesquisa, assim, podemos limitar a quantidade de palavras, o número de caracteres para as palavras verificadas, ignorar palavras que não servem como dado para a pesquisa, dentre outras configurações. Para esta consulta, optamos por verificar as 50 palavras mais frequentes entre as nove entrevistas realizadas com os pesquisadores (Figura 1).

⁴ Em 1981, os pesquisadores Lyn e Tom Richards desenharam e desenvolveram a primeira versão do NUD*IST com o propósito de auxiliar Lyn em uma pesquisa qualitativa com grande volume de dados textuais, mas foi logo adotado por outros pesquisadores. A ferramenta cresceu e a partir de 1997 passou a chamar-se N4. Com a popularidade do uso de computadores pessoais, a empresa lançou um segundo produto, o NVivo. Logo mais, os softwares foram unidos lançando a versão 7 do NVivo que tem sido aperfeiçoada desde então e está hoje na versão 11 (Lage, 2011).

4.1. O engajamento científico

O engajamento é necessário não apenas para a validação da pesquisa-ação como conhecimento científico aceitável pela geopolítica do conhecimento, mas também para configurar a ciência como uma ferramenta de transformação da sociedade com a finalidade de instrumentalizar os sujeitos para que tenham uma prática social crítica e transformadora, isto é, uma ciência cidadã. Ao tentar superar a apropriação de saberes, propondo não apenas a mera ação colaborativa, mas também a criação de condições que contribuam com a situação investigada, a pesquisa-ação institui um modelo de contínua construção de conhecimento coletivo. A mudança da relação sujeito-objeto para sujeito-sujeito reforça e reconhece as potencialidades e valores do sujeito estudado como ator capaz para produzir conhecimento (Peruzzo, 2016). Thiollent (2011: 18) explica que mesmo havendo problemas práticos de ordem técnica, a tomada de consciência dos atores implicados, seja no âmbito político ou seja no cultural, também é um objetivo, onde a premissa que rege a ação é “tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados”.

Para Santos (2007), no contexto da decolonização da ciência, precisamos não apenas de um conhecimento novo, mas também de um modo novo de se produzir conhecimento. A pesquisa-ação se insere neste debate das formas alternativas de se conceber o conhecimento, porém não fica imune às lógicas acadêmicas de produção e circulação científica. Para o Pesquisador C, da área de Educação, “publicar é política e culturalmente mais importante, por existir integralmente e ter um peso na evolução das condições de produção de saberes”. Porém, as exigências científicas se multiplicam quando nos referimos à pesquisa-ação isto porque “existe uma dificuldade em conciliar os prazos da universidade com os prazos de uma pesquisa-ação”, conforme destaca a Pesquisadora H, da área de Saúde Pública. “São estudos mais longos, com muitas informações, com muitas pessoas envolvidas, e tudo isso são aspectos que interferem na publicação”, completa a Pesquisadora I, da área de Saúde Pública.

4.2. O engajamento do pesquisador

Dando continuidade aos modos de engajamento identificado na pesquisa-ação, destacamos o engajamento do pesquisador, com papel triplo: cívico, social e científico. Como observamos anteriormente, a pesquisa-ação não deve ser entendida com objetivos “missionários”, mas isto também não significa que inexistente uma ampliação no exercício da cidadania e na feitura de uma ciência de espírito cívico (Peruzzo, 2016). O rigor científico é necessário e está presente em toda condução da pesquisa, a “participação” é instruída de acordo com várias regras e métodos pré-definidos, porém esse envolvimento ocorre em amplos sentidos. Assim, precisamos estar verdadeiramente envolvidos “pessoalmente pela experiência, na integralidade da nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento do outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária (Barbier, 2007: 70-71).

O envolvimento do pesquisador na pesquisa-ação precisa superar diversas instâncias. Apesar de conduzir uma proposta alternativa ao sistema convencional de pesquisa científica, o pesquisador da pesquisa-ação não pode perder de vista o ideal “científico” da sua pesquisa, tendo em vista a necessidade de consolidar a pesquisa-ação no âmbito das Ciências Sociais. Neste sentido, seu grande desafio metodológico consiste em elaborar estratégias para a “inserção da pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto” (Thiollent, 2011: 20). Outro desafio está no processo de inserção do pesquisador, que precisa ter disponibilidade e capacidade de trabalhar seguindo o espírito da pesquisa-ação. A primeira fase da pesquisa-ação descrita por Thiollent (2011) como Fase Exploratória é decisiva para as demais etapas, devido à necessidade de se estabelecer uma boa relação com o grupo para lançar a pesquisa com habilidade necessária para sua aceitação. A Pesquisadora B, da área de Educação, ressalta a importância de se estabelecer uma relação de confiança com o grupo: “A maneira de ser do pesquisador na “chegada” ao ambiente é muito importante para que se estabeleça uma relação recíproca de confiança. Há que se ter e viver uma atitude de respeito pelo grupo envolvido e conhecimento teórico sobre a questão a ser trabalhada e sobre os movimentos da pesquisa-ação”.

Para o Pesquisador C, da área da Educação, para que um pesquisador esteja bem engajado numa aplicação de pesquisa-ação, é preciso que seu papel na investigação esteja bem definido, com uma aproximação de co-pesquisador ou pesquisador cooperativo, de modo que todos os envolvidos tenham a possibilidade de participar de todo o processo. O pesquisador está presente durante toda a pesquisa, com a função de cooperador muito bem definida, mas algumas atividades desenvolvidas na pesquisa são direcionadas a ele tendo em vista sua competência científica. O pesquisador precisa dar subsídios para a geração de conhecimento coletivo capaz de promover o processo de mudança. Este processo necessita de um bom engajamento com uma escrita comunicável e que materialize o suporte teórico da pesquisa e o retorno dos resultados aos sujeitos implicados, o que ocorre durante todo o processo de pesquisa. Neste sentido, o Pesquisador C, da área da Educação, acrescenta ainda a necessidade de se “adotar um papel chave para ajudar a construir uma formulação e uma formalização apresentável e defendível socialmente, pois ele é o representante desta cultura da comunicação”.

4.3. O engajamento dos sujeitos implicados

Numa outra esfera da pesquisa-ação, identificamos também o engajamento dos sujeitos implicados. O princípio da participação regulamenta a pesquisa-ação e o incentivo da relação sujeito-sujeito representa o reconhecimento do conhecimento popular, considerando os sujeitos como indivíduos ativos em uma pesquisa científica e não meros reservatórios de informações (Peruzzo, 2016), o que vai ao encontro com a premissa de Santos (2004) de que não há e não haverá justiça social sem justiça cognitiva. Não basta formularmos um novo paradigma apenas científico, ele precisa ser também social, desenhado a partir de uma reconstrução entre saberes, culturas e usos do conhecimento. A pesquisa-ação busca reconhecer essa justiça cognitiva e estabelece com os sujeitos implicados um pacto de construção de saberes coletivos, que somente é possível devido a uma dinâmica que um grupo estabelece com “a parceria de trabalho, o respeito e o voluntariado” (já que os participantes têm livre escolha durante todo o processo investigativo), conforme enfatiza a Pesquisadora A, da área de Educação.

A participação é provocada não somente pelo interesse do pesquisador, mas também por sua contribuição com a situação investigada comum a um grupo específico. Este grupo tem interesse na concretização da ação, tendo em vista que os benefícios são diretos, seja na resolução de um problema ou no aprendizado proporcionado pelo próprio processo de pesquisa (Peruzzo, 2016). Contudo, esse engajamento necessário por meio da participação nem sempre é efetivado, dificultando a execução do projeto de pesquisa-ação. A Pesquisadora I, da área de Saúde Pública, relata como algumas vezes “as pessoas não estão dispostas a expor seus pensamentos, suas ideias, seus valores, suas crenças, e para que o processo de pesquisa-ação seja emancipatório e transformador – ele precisa ser tecido a partir de uma base ética”. Não falamos aqui de qualquer participação, mas de um envolvimento com interesse. É a existência do interesse que transforma uma simples ação em engajamento. Para isso, o envolvimento com a pesquisa precisa ser duradouro, o que faz com que “mobilizar a comunidade local e manter seu interesse para com a pesquisa ao longo do processo” seja um grande desafio, segundo a Pesquisadora H, da área de Saúde Pública.

De modo geral, observamos a pesquisa-ação com um papel reformulador no fazer científico. A ação a que nos referimos não deve ser concebida apenas como ação pela ação. Nos referimos a uma série de estratégias, etapas e processos para consolidar uma ação como pesquisa-ação. Assim, precisamos articular a pesquisa-ação com um papel teórico de formular ideias e orientar a pesquisa e um plano prático de organização de pesquisa. Além disso, nos referimos a um processo investigativo com sujeitos ativos da investigação que atuam em igualdade com pesquisadores, os quais seguem o caminho da coletividade e não da imperatividade na produção científica.

5. Conclusão

Neste trabalho, levantamos uma discussão sobre as diferentes dimensões do engajamento no campo científico, buscando fazer uma rápida revisão teórica sobre o tema; destrinchamos

algumas fundamentações relevantes sobre os estudos da pesquisa-ação, na tentativa de apresentar suas ideias, métodos e reflexões; e nos aprofundamos nos modos de engajamento configurados em um processo de pesquisa-ação.

Entre as múltiplas possibilidades de definição, a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa que é realizada “com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 2011: 14). Por buscar um conhecimento compartilhado, decolonizado e relevante para a sociedade em prol de solucionar problemas e transformar situações, a pesquisa-ação está implicada numa forma de produção de conhecimento científico que coloca o sujeito na centralidade dos fenômenos. Vemos a pesquisa-ação e as demais metodologias alternativas instigadas pela investigação-ação possibilitando novas ferramentas para que pesquisadores se indaguem questões como: “Qual é o tipo de conhecimento que queremos e precisamos? A que se destina o conhecimento científico e quem dele se beneficiará?”, conforme ressalta Fals Borda (1981).

Observamos que fazer pesquisa-ação não é praticar a ação pela ação, mas construir um projeto de investigação científica calcado na participação, na coletividade, no envolvimento e, acima de tudo, no engajamento dos atores da pesquisa, sejam eles o pesquisador ou o sujeito diretamente implicado. Não existem regras para uma pesquisa-ação, mas sim pressupostos e direcionamentos que a conduzem para a cientificidade do ecossistema científico. A pesquisa-ação não é monolítica e suas perspectivas percorrem uma diversidade de objetivos, teóricos e práticos, onde os pesquisadores definem estratégias para compatibilizar os objetivos de conhecimento com os de ação, juntamente com a participação dos sujeitos do grupo investigado (Thiollent, 2011).

Os modos de engajamento da pesquisa-ação são diversos: científico, social, cívico. Por sua vez, os atores também são múltiplos: pesquisadores, sujeitos implicados, comunidade científica e sociedade em geral. A pesquisa-ação é a ciência do “conhecer” e do “agir” e a ação é o maior vetor de envolvimento numa pesquisa-ação, mas ao mesmo tempo que ela se engaja também provoca muitos desafios. São desafios epistemológicos, na busca por um conhecimento válido e reconhecido cientificamente, em pé de igualdade com as demais metodologias científicas do sistema tradicional de produção de saber científico. São também desafios teóricos no processo de concretização de uma literatura consolidada e conceituada no ambiente acadêmico. Além de muitos desafios de ordem prática, como a conquista de uma relação de confiança entre os atores de uma pesquisa-ação; e o compromisso e o interesse contínuo em uma pesquisa que demanda tempo e dedicação; na produção de mecanismos de comunicação que sejam compreensíveis e comuns a todos os participantes; e no encaminhamento de soluções práticas que garantam transformações, dentre outros.

6. Referências bibliográficas

ARAÚJO, R. (2015). "Marketing científico digital e métricas alternativas para periódicos: da visibilidade ao engajamento". *Perspectivas em Ciência da Informação*, V. 20, Nº 3, p.67-84.

BARBIER, René. (2007). *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro.

_____ (1985). *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ADLER, Richard e GOGGINS, Judy. (2005). "What do we mean by "Civic Engagement"?. *Journal of Transformative Education*, Vol 3 (3), p.236-253.

BORNMANN, L. (2013). "What is societal impact of research and how can it be assessed? A literature survey". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, V. 64, N. 2, p. 217-233.

BRODIE, R J; HOLLEBEEK, L.D; JURIC, B and ILIC, A. (2013). "Customer Engagement: Conceptual Domain, Fundamental Propositions, and Implications for Research". *Journal of Service Research*, 17 (3), p.252-271.

CARPENTIER, N. (2012). "O conceito de participação. The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate?". *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*, V. 14, N. 2, p.164-177.

CSIKSZENTMIHALYI, M. (1997). *Finding Flow: The Psychology of Engagement with Everyday Life*. New York: Basic Books.

FALS BORDA, O. (1981). "Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular". En: Carlos Brandão y Carlos Rodrigues (comps.), *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, p. 42-62.

_____ (2013). "La praxis: ciencia y compromiso". En: H. Armando y L. López. (Comps.), *Ciencia, compromiso y cambio social. Textos de Orlando Fals Borda*. Buenos Aires: El Colectivo, p.147-205.

FARIA, A. (2008). "Engajamento de estudantes em atividade de investigação". 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

JOHNSON, R; ONWUEGBUZIE, A.J. (2004). "Mixed methods research: A research paradigm whose time has come". *Educational researcher*, V. 33, N. 7, p. 14-26.

KRIEGER, L. (1952). "The intellectuals and European society". *Political science quarterly*, V. 67, Nº 2, p. 225-247.

LAGE, M. (2011). "Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD". *Educação Temática Digital – ETD*, V. 12, Nº esp., p.198-226.

LAVALLE, A. e VERA, E. (2011). "A trama da crítica democrática: da participação à representação e à accountability". *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, N. 84, São Paulo, p. 353-364.

LIMA, F. e BAVARESCO, A. (2016). "A responsabilidade ético-social do pesquisador no Brasil: impactos dos desvios éticos na condução de pesquisas financiadas com recursos públicos". *GRIOT – Revista de Filosofia*, V. 14, Nº 2, p.410-426.

MARRA, G. e DAMACENA, C. (2013). "Engajamento do Consumidor: Revisão teórica do conceito e seus antecedentes". *REGE Revista de Gestão*, V. 20, N° 2, p.233-248.

MEADOWS, A. J; DE LEMOS LEMOS, A.G.B. (1999). *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos/livros.

MELO, A; MAIA FILHO, O; CHAVES, H. (2016). "Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade". *Factal*, V. 28, p. 153-159.

MOREIRA, A e PONTELO, I. (2009). "Níveis de engajamento em uma atividade prática de Física com aquisição automática de dados". *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, V. 9, N° 2, p.148-167.

O'BRIEN, H. L. e TOMS, E. G. (2008). "What is user engagement? A conceptual framework for defining user engagement with technology". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, V. 59, N° 6, p. 938-955.

OLIVEIRA, T. (2018). "Midiatização da Ciência: Reconfiguração do paradigma da comunicação científica na era digital". *Anais XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho.

OLIVEIRA, T; Araújo, R; TOTH, J. e TAYLOR, M. (2018). "Altmetria e a análise das condições de interação em torno de artigos sobre políticas públicas: uma incursão metodológica". *Anais do IX Confoa*, Lisboa, Portugal.

OLIVEIRA, T.; WARNICK, V.; MATTA, T. (2017). "Experiences in Multiplatform Campaigns: Game and Advertising Engagement in Virtual Reality". en: Kenneth Yang. (comps.), *Handbook of Research on Multi-Platform Advertising Strategies in the Global Marketplace*, 1ed. New York: IGI Global, 2017, v. 1, p. 25-65.

PERUZZO, C. (2016). "Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação". *Anais XXV Encontro Anual da Compós*. Goiânia: Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

_____ (2003). "Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos". *Anais do III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação*. Belo Horizonte: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

RESENDE, M.; BONES, V.; SOUZA, I.; GUIMARÃES, N. (2006). "Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos". *Psicologia para América Latina*, N° 5, p.1-15.

SANTOS, B. (2004). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez.

_____ (2007). "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". *Novos estudos-CEBRAP*, N° 79, p. 71-94.

SOUZA DE SOUSA, L.; OLIVEIRA, T. (2018). "Cartografias da pesquisa-ação: em busca de deslocamentos da epistemologia do Sul". *Revista Comunicação & Sociedade*, V. 33, p. 57-81.

TANAJURA, L. e BEZERRA, A. (2015). "Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas". *Revista.Eletrônica Pesquiseduca*, V. 07, N. 13, p.10-23.

THIOLLENT, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

TRIPP, D. (2005). "Pesquisa-ação: uma introdução metodológica". *Educação e Pesquisa*, V. 31, N°3, p.443-466.

VIVEK, S. (2009). "A scale of consumer engagement". 249f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Department of Management and Marketing, University of Alabama, Tuscaloosa, Alabama.

VYGOTSKY, L.S. (1999). *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche.

Autoras.

Lumárya Souza de Sousa.

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), Brasil.

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF (PPGCOM/UFF). Membro do Laboratório de Experiências de Engajamento e Transformações da Audiência (Leeta). Pesquisadora Assistente da Divisão de Inovação e Tecnologias Sociais da Agência de Inovação da UFF (AGIR/UFF).

E-mail: lumaryas@gmail.com

Thaiane Oliveira.

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), Brasil.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF (PPGCOM/UFF). Coordenadora do Fórum de Periódicos e Comunicação Científica (Foco/UFF). Coordenadora do Laboratório de Investigação em Ciência, Inovação, Tecnologia e Educação (Cite-Lab). que abriga o Laboratório de Experiências de Engajamento e Transformações da Audiência (Leeta) e o Núcleo de Estudos Estratégicos de Circulação e Políticas Científicas (Nepc).

E-mail: thaianeoliveira@id.uff.br

Citado.

SOUZA DE SOUSA, Lumárya e OLIVEIRA, Thaiane (2018). "O fazer científico da pesquisa-ação: mapeando o conceito de engajamento em uma perspectiva multidimensional". *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*. N°17. Año 9. Abril - Septiembre 2019. Argentina. Estudios Sociológicos Editora. ISSN 1853-6190. Pp. 69-85. Disponible en: <http://www.relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/259>

Plazos.

Recibido: 18/07/2018. Aceptado: 14/11/2018.